

## **BATATA-DOCE NA REGIÃO OESTE DE SÃO PAULO: UM DIAGNÓSTICO**

**Sônia Maria Nalesso Marangoni Montes**

Eng. Agr., Dra., PqC do Polo Regional Alta Sorocabana/APTA

[soniamontes@apta.sp.gov.br](mailto:soniamontes@apta.sp.gov.br)

**Ricardo Firetti**

Eng. Agr., Msc., PqC do Polo Regional Alta Sorocabana/APTA

[rfiretti@apta.sp.gov.br](mailto:rfiretti@apta.sp.gov.br)

A ausência de informações básicas sobre o setor rural dificulta a realização de qualquer diagnóstico da situação socioeconômica e de um planejamento consequente para os municípios que visam programar processos de desenvolvimento rural.

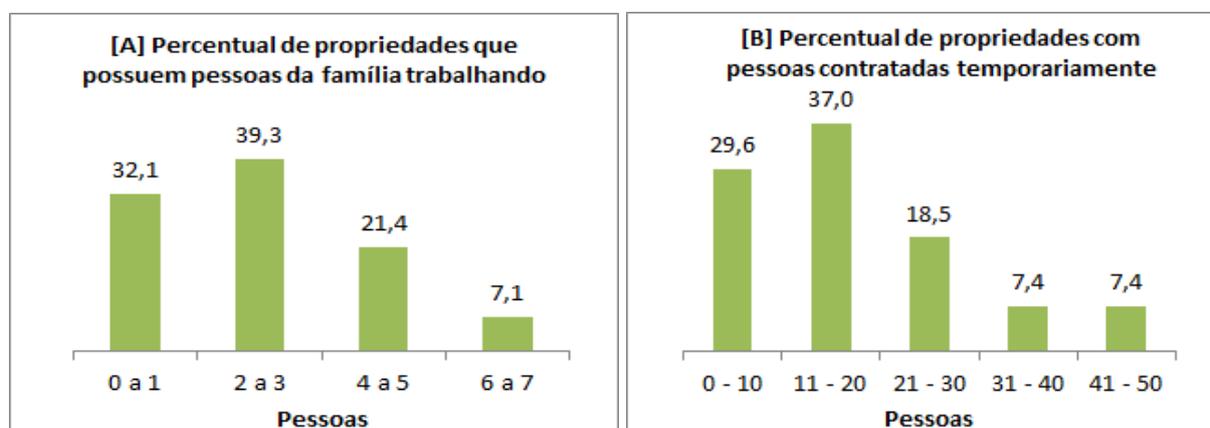
A região de Presidente Prudente historicamente tem concentrado a produção de batata-doce no Estado de São Paulo. Em 2005 chegou a ser responsável por 62,0% da produção paulista (MONTES et al., 2006), mas em 2012 estima-se uma área plantada de 1.600 hectares, com produção de 21.000 toneladas, o que resultaria em 30,8% da produção estadual (SAAESP, 2013).

A caracterização dos produtores de batata-doce permitiu traçar um diagnóstico inicial para identificar os pontos críticos e os pontos positivos deste sistema, de modo a atender as demandas identificadas por meio de pesquisa aplicada.

O levantamento de informações originais foi realizado com 28 produtores rurais que conduzem suas atividades agrícolas em propriedades de diferentes tamanhos localizadas principalmente nos municípios de Presidente Prudente (46,4%) e Pirapozinho (18,0%), sendo que 70,4% das propriedades possuem áreas inferiores a 35 hectares e apenas 11,0% com áreas superiores a 66,5 hectares.

As análises de frequência apontaram que 78,6% das propriedades observadas são formadas por mão de obra familiar, como podemos observar na Figura 1, onde 32,1% das

propriedades ocupa pelo menos 1 pessoa, 39,3% ocupa de 2 a 3 pessoas e 21,4% ocupa de 4 a 5 pessoas nas atividades da cultura da batata-doce, indicando a forte presença da agricultura familiar na atividade. Em torno de 14% das propriedades ocorre a contratação de temporários em épocas chave da atividade, tais como o plantio e colheita, em conjugação com a mão de obra familiar, com trabalhadores contratados de forma permanente e temporária. O percentual de propriedades com pessoas contratadas temporariamente é de 29,6% para o intervalo de até 10 pessoas, 37,0% para 11 a 20 e 18,5% para 21 a 30 pessoas (Figura 1B). A necessidade de contratação de mão-de-obra em épocas chave da cultura aliada a escassez de mão-de-obra que hoje é sentida no meio rural na maioria das regiões, tem dificultado as operações que ainda não são mecanizáveis.



**Figura 1.** Distribuição de classes de frequência relativa de propriedades que possuem pessoas da família trabalhando no cultivo de batata doce (A) e propriedades que contam com pessoas contratadas temporariamente (B) na região de Presidente Prudente. (Fonte: Resultados da pesquisa)

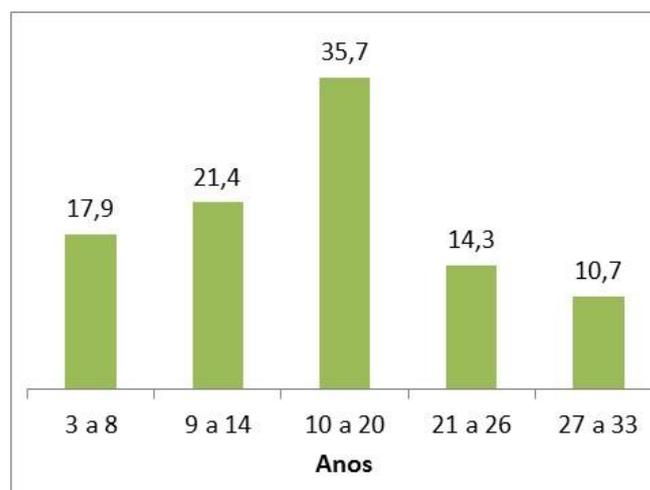
De maneira geral, a cultura produtiva de batata-doce na região é realizada efetivamente em pequenas propriedades da agricultura familiar. Outra característica regional é a concentração na utilização de apenas uma cultivar de batata-doce (64,3% dos produtores), com ênfase nas cultivares dos tipos Canadense e Uruguaiana (respectivamente 85,7% e 60,7% dos produtores).

No que se refere à comercialização e atividades de pós-colheita, em torno de 61,0% dos entrevistados não conduzem qualquer processo de atividade pós-colheita com as batatas retiradas da lavoura comercializando a produção em estado bruto. No entanto, outros 21,4% realizam concomitantemente as práticas de lavagem, seleção e embalagem (caixas plásticas); e 14,3% executam somente a operação de lavagem.

Com relação aos canais de comercialização aproximadamente 86,0% dos entrevistados afirmam vender seus produtos para apenas um tipo de comprador (atravessador, atacadista ou varejista).

Indícios advindos de observação empírica sugerem a hipótese explicativa de que espaçamentos maiores favorecem menor cobertura vegetal do solo e, conseqüentemente, maior probabilidade de exposição dos tubérculos ao ataque de insetos.

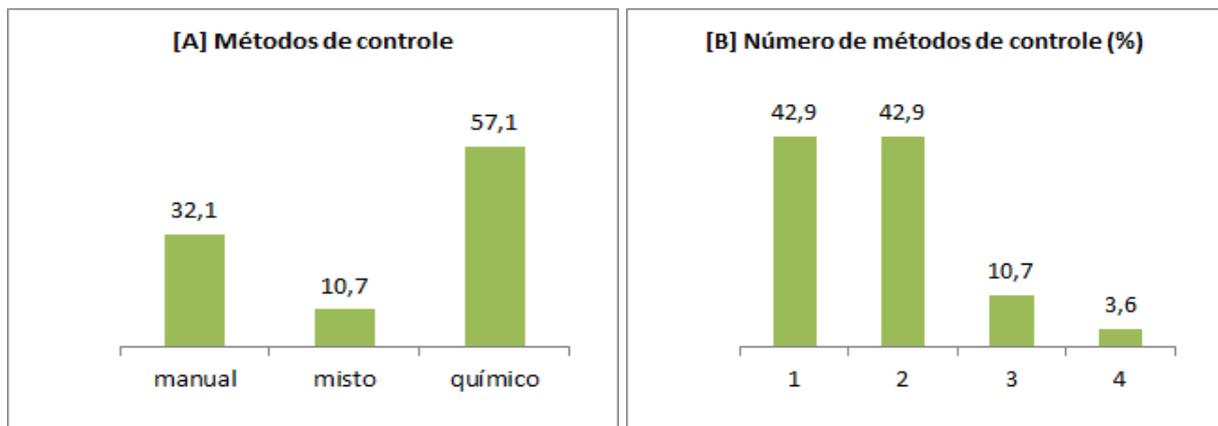
Quanto ao tempo de atividade (experiência) no plantio de batata-doce observa-se a partir da “Figura 2” que a composição da amostragem aponta para pessoas com 15 a 20 anos de experiência na atividade (35,7%). Parte substancial desse contingente foi formada por produtores com mais de 26 anos de atividade agrícola com a cultura (10,7%), reforçando esta tratar-se de atividade agrícola realmente importante para a Região de Presidente Prudente.



**Figura 2.** Distribuição percentual dos produtores entrevistados em relação ao seu “tempo na atividade” na produção de batata-doce na região de Presidente Prudente.

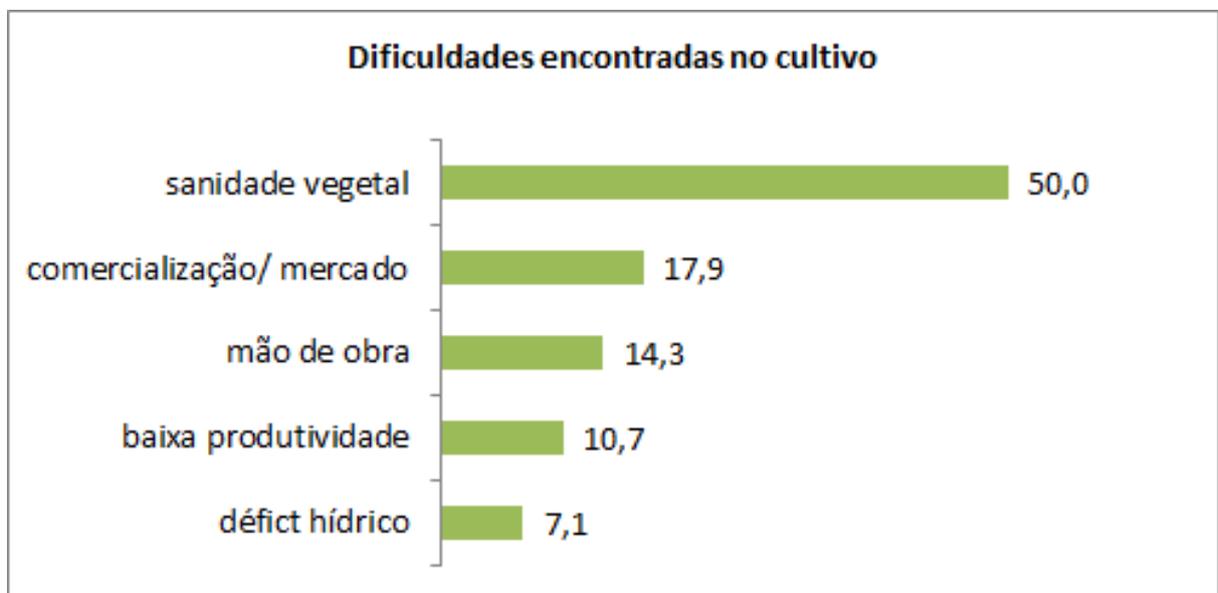
Práticas mais complexas e que envolvem a limpeza dos tubérculos, padronização e acondicionamento em caixas plásticas, seria realizada principalmente por produtores de 15 a 20 anos de atividade.

No manejo fitossanitário, os métodos de controle identificados nas propriedades foram: [a] manual (presente em 85,7% dos sistemas); [b] roçadeira mecanizada (14,3%); [c] mecanizado químico com pulverizador (57,1%); [d] roçadeira costal (3,6%); [e] químico costal (10,7%). Os métodos de controle de plantas daninhas identificados nos sistemas de produção de batata-doce identificados foram: manual (identificados em 32,1% das propriedades), misto ( 10,7% ) e químico (57,1%) (Figura 3).



**Figura 3.** Distribuição percentual das propriedades em relação ao método de controle de plantas daninhas utilizadas [A] e em relação ao número de métodos de controle utilizados [B] na região de Presidente Prudente.

No que concerne às dificuldades apresentadas pelos produtores da Região de Presidente Prudente, metade dos entrevistados (50,0%) apresentam a sanidade vegetal como principal problema na cadeia produtiva; 17,9% têm dificuldades no processo de comercialização e o mercado local como maiores dificuldades; 14,3% têm dificuldades com a mão de obra, tendo em vista que a cultura exige a contratação de trabalhadores temporários em épocas chave ligadas ao plantio e colheita; 10,7% têm dificuldades com a baixa produtividade (Figura 4).



**Figura 4.** Distribuição percentual das dificuldades encontradas no cultivo da batata-doce na Região de Presidente Prudente, segundo os produtores entrevistados. (Fonte: Resultados da pesquisa)

De acordo com os resultados 57,0% das áreas produtivas diagnosticadas eram próprias; em torno de 21,5% eram arrendadas; e 18,0% dos produtores cultivavam áreas próprias e arrendadas. Outros 3,5% não responderam objetivamente a essa questão.

As informações do presente diagnóstico abrem novas perspectivas anteriormente não abordadas pela pesquisa com a cultura da batata-doce realizadas no Polo Regional de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios da Alta Sorocabana/APTA, nas áreas de fitossanidade e fitotecnia, principalmente em função das correspondências encontradas nas classes de resposta entre as variáveis “espaçamento entre plantas” e “número de pragas” e a necessidade do incremento da mecanização do sistema de produção em virtude da escassez de mão de obra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, L.M.C.; FIRETTI, R.; TURCO, P.H.N.; VEIGA-FILHO, A.A. Desenvolvimento rural da Alta Sorocabana em São Paulo: uma contribuição através da prospecção de demandas. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 6, p. 72-95, 2010.

MONTES, S.M.N.M.; RÓS-GOLLA, A., PAULO, E.M. Produção de tubérculos de cultivares de batata-doce na ausência e presença de vírus. **Arquivos do Instituto Biológico**, São Paulo, v.72, n.2, p.103-170, 2010.

MONTES, S.M.N.M.; PAULO, E.M.; MONTES, R.M. Impacto da virose na produção da batata doce. In: ANNUAL MEETING OF THE INTERAMERICAN SOCIETY FOR TROPICAL HORTICULTURE Y CONGRESO DE LA SOCIEDAD PERUANA DE HORTICULTURA, 58., 16., 2012, Lima. **Anais...** Lima: SPH, 2012.

OTANI, M.N. et al. As transformações no setor rural do município de Dourado, Estado de São Paulo, 1995/96-1999/2000. **Informações Econômicas**, SP, v.32, n.6, jun. 2002.

SAAESP (Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo). Estatísticas de produção da agropecuária paulista. In: Banco de Dados do Instituto de Economia Agrícola. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/bancodedados.html>, Acesso em 01/10/2013.